

A FAMÍLIA COMO MEDIADORA DE LEITURA ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

ESPÍNDOLA, Ana Lucia
SANTOS, Laís Paula Freitas dos.
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Alfabetização e Letramento

Este estudo encontra-se vinculado a um projeto de pesquisa que busca identificar e caracterizar leitores em meios populares com diferentes graus de escolarização. Assim, nosso problema de pesquisa nesta investigação se caracteriza por buscar compreender de que forma as práticas de letramento se fazem presentes em meios populares investigando especificamente as práticas de leitura que acontecem nesse meio e o papel desempenhado por algumas instituições – dentre elas a escola e a família - nesse processo. Buscaremos observar a constituição do sujeito leitor em relação com o tempo de permanência na escola. Para isso buscaremos investigar sujeitos com diferentes níveis de escolarização e que se afirmem como leitores¹.

Nesta etapa da pesquisa nos centraremos em identificar leitores nos cursos de licenciatura na grande área das Ciências Humanas² existentes no Campus de Três Lagoas e que pertençam à primeira geração da família a ser submetido à escolarização de longa duração. Neste plano de trabalho nos ocuparemos da questão da família enquanto mediadora de leitura.

¹ Importante deixarmos claro que quando falamos em leitores precisamos ter alguns cuidados. Conforme apontado por Lahire (1999) quando nos referimos a ler um romance, uma receita culinária, um poema, uma tese acadêmica, ler placas, horários de ônibus e trens, ler exercícios escolares, manchetes de jornais, uma carta administrativa, uma carta familiar... estaríamos falando do mesmo ato de leitura? O autor conclui que tais leituras acabam por evocar situações e competências extremamente heterogêneas. Assim, quando nos referimos a leitores e leituras sabemos dos riscos que corremos. Especialmente pelo fato da leitura ser algo multifacetado podendo, como iremos apontar na revisão da literatura, permitir uma diversidade de compreensão. Ler não é verbo intransitivo e sabemos disso.

² Conforme classificação do CNPq

O discurso da omissão parental se faz bastante presente quando se trata da dificuldade encontrada por algumas crianças em alcançar sucesso escolar, especialmente nos anos iniciais de ensino onde acontece o aprendizado da leitura e da escrita. A escola cumpre um papel importante no processo de introdução das crianças das camadas populares na cultura escrita que, embora não possa ser visto de forma dicotomizada das culturas orais, se guia por regras diferentes.

A centralidade da escrita na vida dos homens surgiu de forma gradual e concomitantemente ao surgimento dos Estados Nacionais Modernos que cada vez mais procurou se apoiar em formas escritas, tanto no que diz respeito ao gerenciamento do Estado propriamente dito como em relação à difusão da cultura escrita de forma cada vez mais abrangente. Segundo Lahire, *pouco a pouco, o conjunto das práticas sociais se organiza através de práticas de escrita* (1993, p.33, tradução nossa), levando todos, de uma forma ou de outra, a serem tocados por ela.

Enquanto nas sociedades orais a socialização do saber era feita de forma a não estar separada da prática, nas sociedades de cultura escrita a aprendizagem começa a ser, cada vez mais, imputada a uma instituição determinada: a instituição escolar. Mais que isso:

A escola e a “pedagogização” das relações sociais de aprendizagem são ligadas a constituição de saberes escriturais formalizados, saberes objetivados, delimitados, codificados, concernentes tanto ao que é ensinado quanto à maneira de ensinar, às práticas dos alunos assim como a dos mestres. A pedagogia (no sentido restrito da palavra) se articula sobre um modelo explícito objetivado e fixado de saber a transmitir. Os saberes objetivados, explícitos, fixados que se pretende transmitir necessitam de um modo inédito de transmissão do saber. Trata-se de se fazer interiorizar pelos alunos saberes que conquistaram sua coerência na/pela escrita. (...) O modo de socialização escolar é então indissociável da natureza escritural dos saberes a transmitir (ibid., p. 37, tradução nossa).

Dessa forma, o acesso ao mundo da cultura escrita passa a ser cada vez mais de responsabilidade da instituição escolar.

Entretanto essa tarefa não se revelou tão fácil de ser cumprida. De um lado, pelo fato de nem todos terem acesso à escola e, de outro, pela constatação de que mesmo entre aqueles que adentravam a escola, muitos fracassavam na tentativa de aprendizagem da língua escrita. Lahire (ibid.) chama a atenção para o fato de que para algumas crianças, obter sucesso no aprendizado da língua

escrita significa precisar realizar uma verdadeira 'conversão' de sua relação com o mundo desenvolvida até o momento de sua entrada na escola. Entretanto, algumas crianças não conseguem realizar tal conversão o que as leva ao fracasso escolar.

Algumas vezes o fracasso de tais crianças é imputado às próprias famílias pelo discurso escolar tendo em vista que as relações estabelecidas entre as famílias de camadas populares e a escola ainda são marcadas por algumas tensões e mitos.

Segundo Thin (2006) o discurso escolar sobre a participação de tais famílias no processo de escolarização dos seus filhos tem sido marcado preponderantemente pelo discurso normativo que insiste no déficit da ação dos pais em relação à escola. Para o autor a compreensão das relações idiossincráticas de tais famílias com a instituição escolar exige o abandono da visão dominante que *'caracteriza essas famílias pela incoerência, pela negligência, pela 'anormalidade'* (ibid. p.213) e busca da compreensão da lógica própria pelas quais elas são regidas.

Galvão (2003) ao analisar os dados do INAF questiona se práticas de leitura podem ser transmitidas entre as gerações. Responde a esta indagação mostrando que quanto mais cedo as crianças são expostas aos materiais de leitura maiores chances terão de ser um adulto com maiores condições de usar a leitura e a escrita em seu cotidiano. Assim, quando pensamos a relação família e escola, especialmente nos anos iniciais onde a aprendizagem da leitura e da escrita acontece, não podemos negligenciar o papel importante desempenhado pelas famílias nesse processo.

Reconhecer a importância da família não quer dizer responsabilizá-la pelo fracasso ou mesmo pelas dificuldades encontradas pelas crianças especialmente através do discurso da omissão parental. De tal maneira, faz-se urgente, conforme aponta Vianna (2005 p.03):

(...) melhor qualificar e caracterizar as relações das famílias de camadas populares com a escola, sinalizando para alguns deslocamentos de foco, um dos quais seria o reconhecimento da existência de um tipo particular de presença familiar na escolarização dos filhos nesses meios.

Faz-se necessário descartar, por outro lado, a visão naturalizada de família, entendendo-a como uma construção histórica e social. Assim, conforme apontado por Szymanski (2007) trata-se de uma questão ética construir juntamente com as famílias das camadas populares práticas educativas que garantam às suas crianças a permanência na escola e o sucesso escolar. Quando se trata do aprendizado da leitura e da escrita isso se faz ainda mais urgente, tendo em vista a importância que tanto a escola – por ser a instituição responsável pela introdução da criança ao mundo da escrita – quanto às famílias - pelo papel que podem desempenhar no processo de letramento de suas crianças – podem vir a ter para a universalização do acesso da tecnologia do ler e escrever bem como dos usos sociais de tal tecnologia.

Por outro lado, faz-se necessário também observar o papel desempenhado pelas famílias como mediadoras de práticas de leitura significativas. Em caso de famílias de meios populares e com pouco tempo de escolarização é preciso procurar práticas de leitura/letramento que muitas vezes não são as mesmas práticas convencionais encontradas em famílias de camadas médias e com longevidade escolar. Portanto, trata-se de uma tarefa importante, tentar identificar tais práticas.

A partir disso nos questionamos: a) que investimentos foram realizados pelas famílias no processo de escolarização e aproximação desses jovens com a leitura? b) Qual membro da família realizou de forma preponderante este papel?

06) OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Compreender de que forma as práticas de letramento se fazem presentes em meios populares investigando especificamente as práticas de leitura que acontecem nesse meio e o papel desempenhado por algumas instituições – dentre elas a escola e a família - nesse processo.

Objetivos Específicos:

- 1) identificar e discutir de que forma as famílias de estudantes universitários sem tradição de longevidade escolar e pertencentes aos meios populares se constituíram como mediadoras de leitura;
- 2) Levantar os investimentos realizados pelas famílias no processo de escolarização e aproximação desses jovens com a leitura;

- 3) Levantar quais membros das famílias estudadas realizaram de forma preponderante esse papel de mediação.

07) METODOLOGIA

O presente trabalho insere-se no campo das pesquisas qualitativas em educação que têm como características, segundo Lüdke e André, (1986), cinco pontos principais: primeiramente, elas tomam o ambiente natural como fonte direta da coleta de dados e o pesquisador como o principal instrumento; em segundo lugar o fato de haver predominância da descrição nos dados coletados; o terceiro ponto refere-se a ter uma preocupação muito maior com o processo que com o produto; o quarto ponto está ligado ao fato de examinar o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida e, por último, a tendência a seguir um processo indutivo na análise dos dados coletados. Acreditamos que nosso trabalho encaixa-se em todas as características acima apontadas.

Dentro da abordagem qualitativa escolhemos trabalhar com a pesquisa do tipo etnográfico. Segundo André (1999) a origem da etnografia está ligada aos estudos desenvolvidos pelos antropólogos para o estudo da cultura e da sociedade e tem sido adaptado para os estudos ligados à educação³

Ainda segundo André (1999) um trabalho pode ser caracterizado como do tipo etnográfico quando faz uso das técnicas tradicionalmente utilizadas pela etnografia, qual seja, a observação participante, a entrevista intensiva e a análise de documentos. Além disso, há também o princípio da interação constante entre o pesquisador e o objeto pesquisado o que irá garantir uma segunda característica das pesquisas desse tipo: a de que é o pesquisador o instrumento principal na coleta e na análise dos dados. Também são considerados como pontos característicos das pesquisas etnográficas a ênfase no processo, a preocupação com o significado, a utilização de trabalho de campo, a descrição e a indução e, por fim, a busca por formulações de hipóteses e não sua testagem (ANDRÉ, 1999).

Esta pesquisa será desenvolvida de acordo com a seguinte organização:

³ Tendo em vista tratar-se de uma adaptação a autora prefere utilizar a expressão *estudos do tipo etnográfico* e não etnografia propriamente.

1 - pesquisa bibliográfica tendo como objetivo geral aprofundar estudos na área;

2 – Realização de entrevistas com 3 estudantes de cada curso que faz parte do estudo buscando identificar as práticas mediadoras levadas a efeito pelas famílias bem como quais membros da família se responsabilizaram preponderantemente por esta mediação;

3 – Realização de entrevistas com os membros das famílias indicadas pelos universitários como os principais mediadores buscando identificar as práticas efetivadas por eles.

4) Elaboração de relatórios com as análises realizadas.

08) BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. 3.ed. Campinas: Papirus, 1999

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Leitura: algo que se transmite entre as gerações? In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). *Letramento no Brasil: Reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo-SP: Editora Global, 2003

LAHIRE, Bernard. *Culture écrite et inégalités scolaires*. Lyon: Presses Universitaires, 1993.

LAHIRE, Bernard. *L'invention de l' "illettrisme": rhétorique publique, éthique et stigmates*. Paris: Éditions la découverte, 1999.

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U, 1986.

SZYMANSKI, Heloísa. *A relação família escola: desafios e perspectivas*. 2. ed. Brasília: Líber Livro. 2007.

THIN, Daniel. Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 32, p.211-226 May/Aug. 2006.

VIANNA, Maria José Braga. As práticas socializadoras familiares como locus de constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar em meios populares. *Educação e sociedade*. Campinas, n. 90 p. 1-17. Jan-Abr. 2005.